

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Livia Marques

Rejeitar para Resistir: O Movimento 4B e o Feminismo Contemporâneo na Coreia do
Sul

Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais

São Paulo
2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Lívia Marques

Rejeitar para Resistir: O Movimento 4B e o Feminismo Contemporâneo na Coreia do Sul

Trabalho apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Tomaz Paoliello

São Paulo

2025

Dedico este trabalho aos meus pais, que
me prometeram o mundo antes mesmo
de eu sonhar em me tornar
internacionalista.

AGRADECIMENTOS

Uma jornada de quatro anos não se conclui sozinha. Agradeço, especialmente:

À minha família, que me proveu o alicerce para trilhar este trajeto incrível e intenso que foi minha graduação. Sempre a eles: minha mãe Simone e meu pai Eli, meus melhores amigos e apoiadores de todos os meus sonhos e desejos: eu fui atrás do meu diploma, com a fúria e a beleza do Sol. Fiz isso por nós.

Aos meus avós, que tiraram da terra o sustento para prover para seus filhos uma vida melhor e vieram de longe buscar um lar com mais oportunidades. Se hoje cheguei aqui e caminhei por estes corredores, é graças a eles.

Às minhas companhias de dentro e de fora da sala de aula, Maria Julia, Thaís e Marianna, com quem compartilhei momentos felizes e tristes ao longo da graduação. Meu encontro com vocês foi a coisa mais linda que a PUC poderia me dar. Obrigada. Torço para ainda poder acompanhar e aplaudir o sucesso de vocês por muito, muito tempo.

A todos os professores incríveis que me ensinaram não só seus conteúdos, mas também a abrir meus olhos para o mundo e criticá-lo impetuosamente, e em especial aos meus orientadores: Tomaz Paoliello e Flavia Campos de Mello, por me guiarem no planejamento e elaboração deste trabalho. É um privilégio poder dizer que fui formada por vocês.

Ao Programa Universidade Para Todos (ProUni), sem o qual as portas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo jamais teriam se aberto para mim. Sonho com o dia em que todos tenham a oportunidade de ter um diploma, e que ela deixe de ser um privilégio ou uma realidade distante demais, como um dia foi para mim.

RESUMO

Este trabalho analisa os movimentos feministas contemporâneos na Coreia do Sul, com ênfase no movimento 4B — uma corrente que propõe a rejeição ao casamento, namoro, relações sexuais e maternidade como forma de resistência ao patriarcado. A pesquisa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, busca compreender o contexto sociopolítico que permitiu o surgimento desse movimento, seus fundamentos teóricos e as reações que provocou na sociedade sul-coreana. A partir da análise de estudos acadêmicos e relatórios com dados sobre desigualdade e violência de gênero, pretende-se discutir como o 4B se insere em uma trajetória mais ampla de lutas feministas no país, sua legitimidade e quais transformações ele impulsiona no debate público sobre gênero, direitos das mulheres e estruturas sociais na sociedade coreana.

Palavras-chave: Movimento 4B, feminismo, Coreia do Sul, gênero

ABSTRACT

This work analyzes the contemporary feminist movements in South Korea, focusing on the 4B movement — a current that rejects marriage, dating, heterosexual sex, and motherhood as a form of resistance against patriarchy. Through a literature review, it explores the social and political context that gave rise to the movement, its theoretical foundations, and the public and institutional responses it has provoked. By examining academic studies, media coverage, and policy trends, the research highlights how the 4B movement offers a powerful critique of gender norms and expands the scope of feminist action in South Korea and East Asia.

Keywords: 4B Movement, South Korea, feminism, gender

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1 Contexto social sul-coreano e seus desafios para as mulheres	10
2 Feminismos na Coreia do Sul: Trajetória e Transformações	16
3 O Movimento 4B: Princípios, estratégias e identidades coletivas	20
3.1 Fundação e expansão do Movimento 4B.....	20
3.2 Reflexos na mídia e redes sociais.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25

INTRODUÇÃO

A Coreia do Sul destaca-se como um dos principais exemplos de desenvolvimento econômico acelerado no século XX, com uma trajetória de modernização tecnológica, urbanização e inserção global marcante. No entanto, esse progresso econômico e de direitos não se refletiu de maneira igualitária em todas as esferas da sociedade. As mulheres sul-coreanas continuam enfrentando uma série de desafios estruturais que vão desde a desigualdade no mercado de trabalho até pressões sociais ligadas ao casamento, à maternidade e à aparência física. Apesar de avanços que versam gênero no âmbito do direito, a sociedade sul-coreana ainda se apoia em valores conservadores e patriarcais profundamente enraizados. Diante desse cenário, novas formas de mobilização têm surgido entre mulheres jovens que, desiludidas com as limitações e a falta de espaço nos modelos tradicionais, constroem discursos e práticas de resistência.

Nesse contexto, movimentos feministas contemporâneos emergem como importantes instrumentos de resistência e transformação, com destaque para o movimento 4B, ou “4 Não’s”: *Bi-hon*: sem casamento, *Bi-yeonae*: sem relacionamento, *Bi-sekseu*: sem sexo heterossexual, *Bi-chulsan*: sem parto, que propõe a recusa extrema ao casamento, namoro, sexo e maternidade com homens como forma de ruptura com estruturas patriarcais e forma de reivindicação de direitos e de diminuição da violência (SADOYAMA et al., 2025; HAN, 2024).

O presente trabalho tem como objetivo analisar os fundamentos, estratégias e repercussões do movimento 4B no contexto do feminismo sul-coreano atual, recuperando também sua história. Para isso, será realizada uma revisão de literatura a partir de estudos acadêmicos nacionais e internacionais, notícias e publicações especializadas, além de estatísticas de bancos de dados internacionais. A análise se apoia em autoras como Sadoyama et al. (2025), que oferecem um panorama abrangente sobre o feminismo contemporâneo na Coreia do Sul. Também serão consideradas abordagens mais voltadas à representação política, através do trabalho de Hen (2010), e os aspectos culturais e estéticos do movimento 4B.

Adicionalmente, fontes jornalísticas como Yi (2020) e análises contemporâneas como as de Corxet Solé (2023) contribuem para contextualizar o impacto do movimento 4B nas políticas demográficas e sua falta de eficácia, nas representações

sociais e na luta por direitos das mulheres no país. Com isso, busca-se oferecer uma compreensão crítica sobre os limites e as potências desse movimento enquanto resposta a um sistema que, mesmo em meio à modernidade, continua a reproduzir normas sociais profundamente desiguais e enraizadas e invisibilizar a participação feminina em sua luta.

Este trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro, será apresentado um panorama do contexto social sul-coreano atual e seus desafios para as mulheres. No capítulo dois, haverá uma recapitulação histórica do feminismo sul coreano e suas conquistas e lutas, culminando no surgimento do movimento 4B. No terceiro e último, será realizada uma análise mais aprofundada sobre os princípios, estratégias e impactos do movimento, considerando seus discursos, ações e articulações no contexto contemporâneo, além e relacioná-lo com outros movimentos feministas mundo afora.

1 Contexto social sul-coreano e seus desafios para as mulheres

Nas últimas décadas, a Coreia do Sul tem ocupado uma posição de destaque nas dinâmicas internacionais, seja por seu desenvolvimento econômico acelerado, seja pela sua expressiva influência cultural no cenário global. Entretanto, lado a lado com esta imagem de uma nação tecnologicamente avançada e ultramoderna, persistem profundas desigualdades de gênero que afetam especialmente as mulheres jovens, além de graves problemas demográficos que colocam em jogo a sustentabilidade econômica do país.

Em retrospecto, as políticas voltadas às mulheres são uma promessa antiga na Coreia do Sul. Em 1983, a abertura do Ministério da Igualdade de Gênero e Família representou um marco importante para os direitos das mulheres, sendo um órgão fundamental para a criação e implementação de políticas públicas voltadas à diminuição da desigualdade de gênero e à proteção das mulheres contra violências. Entretanto, as mulheres ainda eram uma extrema minoria entre os parlamentares sul-coreanos, sendo que no ano de 2000 foram incluídas as cotas femininas nos partidos políticos, o que fez com que os números mínimos de presença de mulheres nas câmaras fossem atingidos, sendo sucedido por governos considerados favoráveis aos direitos femininos:

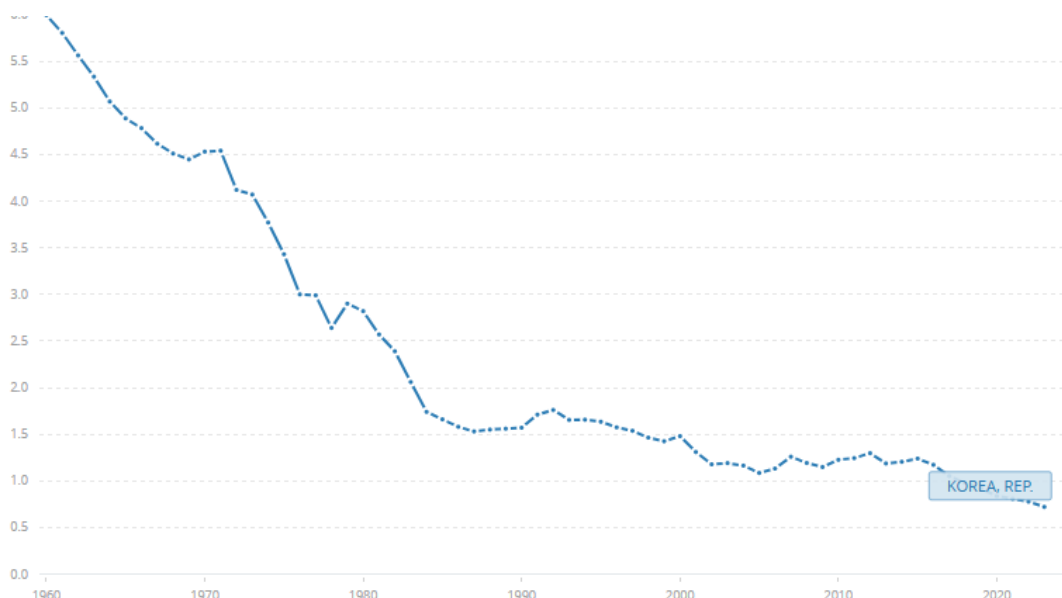
“[...] durante os governos de Kim Dae Jung e Roh MooHyun (1997-2007). Nessas duas administrações pró-democracia e pró-mulher, os movimentos feministas mudaram de uma posição de “conflito e resistência” para uma de “participação e negociação” crítica, lado a lado com o Estado, e se envolveram com a formulação de políticas.” (Kim e Kim, 2011) [tradução livre]

Porém, nas últimas duas décadas, o que se pode observar foi um recrudescimento destas tendências progressistas além de uma resistência da população em colocar em prática os projetos e políticas estabelecidos por seus governantes. A própria existência do supracitado Ministério de Igualdade de gênero e Família foi ameaçada pelo presidente eleito em 2022, Yoon Suk-Yeol (SADOYAMA et al., 2025).

Ademais, uma crescente insatisfação feminina com os rumos tomados pelas políticas públicas adotadas por autoridades do governo também se fazia presente,

sendo especialmente expressada pela brusca e constante queda de natalidade que a Coreia do Sul vem enfrentando ao longo dos últimos anos, recentemente ficando, inclusive, abaixo da taxa mínima de reposição (BANCO MUNDIAL, 2024). Desde 2018, a taxa de natalidade do país está abaixo de 1 filho por mulher. Após 10 anos de queda e milhões de dólares investidos em programas de incentivo, a taxa bruta de natalidade – o número de nascimentos para cada 1.000 pessoas - cresceu pela primeira vez em 2024, chegando a 4,7. Apesar do crescimento, especialistas ainda não sabem apontar com certeza se esse é um ponto de inflexão ou somente reflexo da pandemia de COVID-19 (G1, 2025).

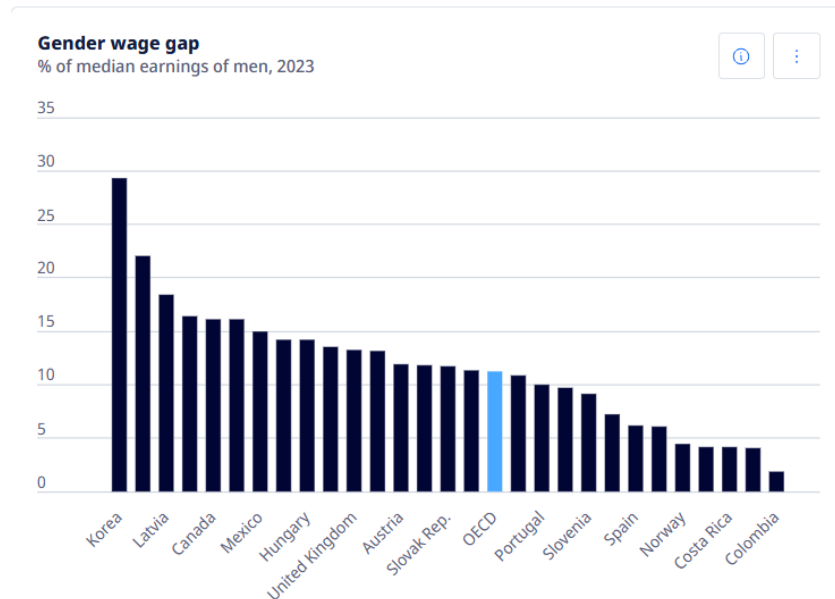
Figura 1 – Natalidade na Coreia do Sul



(Fonte: Banco Mundial)

Para além dos problemas de fertilidade e natalidade, a Coreia do Sul também possui hoje o maior índice de desigualdade de salário entre homens e mulheres quando analisados os países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), como representado na Figura 2. O número representa mais que o dobro da média dos países da OCDE.

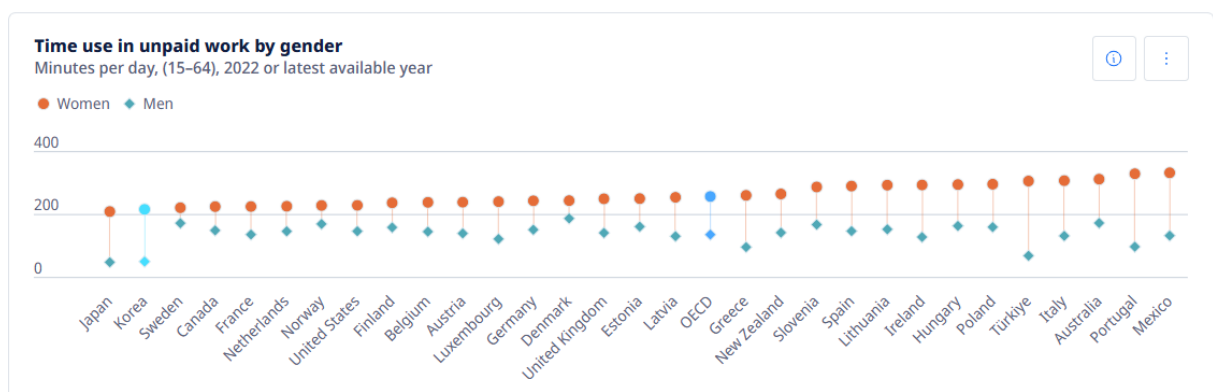
Figura 2 – Disparidade salarial na Coreia do Sul



(fonte: OCDE, 2023)

Não bastasse a disparidade salarial, outra mazela enfrentada pelas mulheres sul-coreanas é a disparidade no tempo diário dedicado a serviços domésticos e cuidados com os filhos, obrigações que recaem majoritariamente sobre as mulheres. Como indicado na Figura 3 e destacado em azul-claro, a diferença de minutos dedicados por homens e mulheres ao trabalho não-remunerado é grande: enquanto as mulheres ultrapassam os 200 minutos/dia, os homens estão próximos a zero, ficando à frente somente no Japão que apresenta os piores números da OCDE para esta métrica, e vem enfrentando problemas semelhantes de baixa fertilidade.

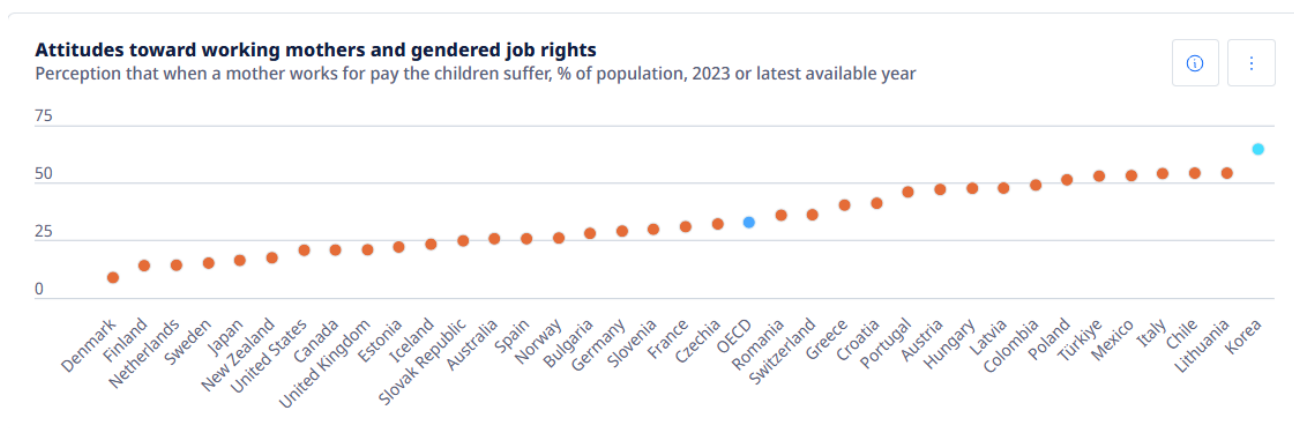
Figura 3 – Tempo Gasto em Trabalho Não-remunerado



(fonte: OCDE)

Concomitante a este cenário de sobrecarga doméstica e baixos salários, as mulheres sul-coreanas também têm enfrentado discriminação por buscarem se inserir no mercado de trabalho. A Figura 3 mostra a porcentagem da população coreana acima de 18 anos que acredita fortemente na seguinte afirmação: “Quando uma mãe trabalha fora, a criança sofre”. Entre os países membros da OCDE, a Coreia do Sul lidera esta estatística, como destacado em azul claro no gráfico.

Figura 4 – Percepção de que “quando uma mãe trabalha fora, a criança sofre”



(Fonte: OCDE)

No mesmo eixo de pesquisa, na Figura 5 estão dispostos os dados dos países membros da OCDE em relação à percepção da população a respeito do direito ao trabalho, em específico respondendo à questão: “homens devem ter mais direito a trabalhar do que as mulheres?”. Mais uma vez, a Coreia do Sul lidera o gráfico com mais de 50% da população acima de 18 anos concordando com essa afirmação, sendo um dos únicos dois países a passar dos 50%, juntamente com a Turquia.

Figura 5 – Percepção de que homens devem ter mais direito a um trabalho do que mulheres



(Fonte: OCDE)

Quando as lentes de análise se voltam especificamente para geração Z (pessoas nascidas de 1995 até 2010), a situação se agrava ainda mais. Segundo dados da revista Financial Times divulgados em 2024, a geração Z não somente pensa diferente das anteriores como também tem divergências internas, expondo uma cisão no pensamento de homens e mulheres que tendem a ir cada vez mais para lados opostos do espectro Conservador x Liberal (BURN-MURDOCH, 2024).

No artigo *Political Conservatism as Motivated Social Cognition*, Jost et al. (2003) definem o conservadorismo político como uma ideologia fundamentada principalmente em dois pilares: a resistência à mudança e a justificação da desigualdade. Os autores argumentam que o conservadorismo está associado a necessidades cognitivas e existenciais específicas, como a aversão à ambiguidade, o desejo por ordem e estrutura, o medo da instabilidade e a busca por fechamento cognitivo. Tais disposições psicológicas levam indivíduos conservadores a favorecerem normas tradicionais, autoridade e hierarquia social, como forma de mitigar sentimentos de ameaça e incerteza.

Embora o liberalismo não seja definido diretamente, o artigo o apresenta implicitamente como um contraponto: pessoas liberais tendem a demonstrar maior abertura à experiência, tolerância à ambiguidade e compromisso com a igualdade. Assim, os autores sugerem que as diferenças ideológicas entre conservadores e liberais refletem não apenas valores políticos, mas também distintas motivações psicológicas diante do mundo social.

Tendo estabelecidos esses conceitos, é possível observar que quanto maiores as crises que um país e sua população enfrentam, a tendência dos seus cidadãos de adotarem posturas ideológicas mais conservadoras aumenta vertiginosamente. Portanto, as dificuldades enfrentadas no cotidiano, sejam elas sociais, econômicas ou políticas, são catalisadoras e potencializam ideologias mais conservadoras em detrimento de posturas mais liberais. (JOST et al, 2003). Além disso, é notável que esse impacto gerado pelas condições socioeconômicas na população tem efeitos divergentes com base no gênero dos indivíduos.

Na Coreia do Sul, essa cisão é ainda mais acentuada, como demonstra a figura 5 em comparação com a figura 6, que mostra os dados dos Estados Unidos. Nos dois gráficos, assim como nos gráficos restantes apresentados pelo Financial Times (com dados da Alemanha e Reino Unido), a tendência feminina é adotar cada vez mais uma postura política liberal, enquanto os homens se inclinam ao conservadorismo, não somente em relação ao direito das mulheres, mas também temas como imigração e justiça racial (BURN-MURDOCH, 2024). Ainda que essa discrepância ideológica seja uma tendência global, a curva brusca dos homens coreanos impressiona, conforme ressaltado pelo autor:

“Korea's is an extreme situation, but it serves as a warning to other countries of what can happen when young men and women part ways. Its society is riven in two. Its marriage rate has plummeted, and birth rate has fallen precipitously, dropping to 0.78 births per woman in 2022, the lowest of any country in the world.” (BURN-MURDOCH, 2024)

Figura 5 – Diferença de pensamento por gênero – Coreia do Sul



(Financial Times, 2025)

Figura 6 – Diferença de pensamento por gênero – Estados Unidos



(Financial Times, 2025)

Diante desse cenário social e demográfico cada vez mais grave, o governo sul-coreano tem adotado uma série de políticas para tentar reverter essa tendência, sendo a mais proeminente delas conhecida como *Basic Plan for Low Fertility and the Aging Society*, doravante Plano Básico para Baixa Fertilidade e Sociedade Envelhecida. Este plano, lançado pela primeira vez em 2006 e contando com mais 4 edições desde então (2011, 2016, 2019 e 2021), incluem medidas como o aumento de subsídios para casais com filhos, expansão de creches públicas, licenças parentais prolongadas e campanhas incentivando o casamento e a maternidade (KICCE, 2022). Apesar dos esforços do governo em promover estas medidas durante duas décadas, os gráficos apresentados evidenciam que surtiram poucos resultados expressivos (OCDE, 2023).

2 Feminismos na Coreia do Sul: Trajetória e Transformações

O movimento feminista sul-coreano possui raízes profundas e está fortemente entrelaçado com os diversos e turbulentos momentos políticos vividos pelo país. A trajetória dos movimentos feministas acompanha a história da Coreia, desde os períodos de dominação colonial, passando pelas ditaduras militares e alcançando a consolidação democrática. De acordo com Hur (2010), os movimentos feministas coreanos emergiram no final do século XIX como forma de resistência ao sistema patriarcal confucionista, aqui definido por Park e Cho (1995) a partir do conceito das três obediências:

The ideal of male superiority within the patrilineal family became more prominent in the late Chosun dynasty than it had been during the early Chosun dynasty (1392-1650). The rule of "three obediences"-of daughters to their fathers, of wives to their husbands and mothers to their sons in later years-was observed, and the stem family began to be considered an ideal type. These later developments continued until just prior to industrialization. (PARK, CHO 1995)

Nesse período, a educação feminina foi utilizada como principal estratégia de emancipação, levando à criação de escolas por mulheres influenciadas por missionárias cristãs ocidentais, com o objetivo de modernizar a sociedade e garantir a participação das mulheres na luta nacionalista por independência. Ainda que a sociedade coreana hoje tenha somente 1% de sua população declarando-se como religiosamente Confucionista, os valores desta antiga filosofia chinesa ainda se encontram profundamente arraigados nas relações sociais e hierarquias coreanas até os dias atuais (PARK, CHO 1995).

Mais adiante, durante o período de colonização japonesa que perdurou de 1905 a 1945, as mulheres participaram ativamente dos movimentos de libertação nacional como no Movimento de 1º de março de 1919 – série de protestos contra o domínio japonês, que teve início em Seul e espalhou-se por todo o país –. Já na década de 1920, com a industrialização japonesa e o crescimento do setor têxtil, mulheres foram inseridas nas fábricas como força de trabalho barata, o que levou à formação de sindicatos femininos e grupos socialistas que denunciavam as condições precárias e os abusos nas indústrias (HUR, 2010). Embora essas iniciativas tenham sido reprimidas pelas autoridades coloniais e posteriormente pelo governo militar sul-coreano, deixaram um legado importante de resistência organizada por mulheres.

Também durante o período de colonização japonesa, as mulheres coreanas foram submetidas a uma das mais brutais formas de violência sistemática: a escravidão sexual nos chamados “sistemas de conforto”. Estima-se que cerca de 200 mil mulheres asiáticas — sendo a maioria coreanas — tenham sido forçadas a servir soldados japoneses em bordéis militares durante a Guerra do Pacífico (MIN, 2003). Essas mulheres, muitas delas ainda adolescentes e oriundas de famílias camponesas pobres, foram sequestradas ou enganadas com falsas promessas de emprego e levadas para locais de confinamento onde eram violentadas repetidamente, em média de 10 a 30 vezes por dia, em condições sub-humanas (MIN, 2003, p. 940–941). Além da violência física e sexual, essas mulheres perderam seus nomes coreanos, sendo

rebatizadas com nomes japoneses como parte da política de assimilação cultural imposta pelo colonizador (AZENHA, 2017).

O sistema de conforto só se tornou conhecido internacionalmente a partir dos anos 1990, quando sobreviventes, com o apoio de movimentos feministas sul-coreanos, romperam décadas de silêncio para denunciar publicamente os crimes cometidos (AZENHA, 2017). A primeira denúncia pública foi feita por Kim Hak-Sun em 1991, e desde então dezenas de mulheres passaram a compartilhar seus testemunhos — muitas vezes enfrentando estigmas sociais e familiares profundos (MIN, 2003). As organizações feministas, como o *Korean Council for the Women Drafted for Military Sexual Slavery by Japan*, passaram a organizar manifestações semanais em frente à embaixada japonesa em Seul e lutaram por reconhecimento, reparações e memória pública, o que resultou, entre outras ações, na instalação da Estátua da Paz — uma jovem coreana de bronze, símbolo de resistência e dignidade, hoje presente em várias cidades coreanas e ao redor do mundo (AZENHA, 2017).

A luta dessas mulheres ultrapassa os limites da denúncia individual e se inscreve na história dos direitos humanos e do feminismo asiático, revelando como colonialismo, patriarcado e classe social se entrelaçam na produção da violência contra corpos racializados e femininos (MIN, 2003). As sobreviventes das estações de conforto, mesmo que muitas jamais tenham sido reunidas com suas famílias, passaram a ocupar um lugar simbólico central na narrativa feminista sul-coreana, não apenas como vítimas, mas como agentes de memória, justiça e transformação.

Com a independência da Coreia do Sul e a Guerra das Coreias (1950–1953), o país passou por uma rápida industrialização sob regimes autoritários. Nesse contexto, as mulheres foram convocadas ao trabalho industrial, mas mantidas sob rígido controle social e ideológico. As décadas seguintes testemunharam a consolidação de organizações conservadoras, como o Conselho Nacional Coreano de Mulheres (KNCW), que atuava alinhado com os interesses do Estado, promovendo pautas como planejamento familiar, educação doméstica e modernização da família tradicional, evoluindo do tipo modelo patriarcal e com cara de tarefas domésticas para a mulher para um estilo de família que permitisse a inserção das mulheres e mães no mercado de trabalho (HUR, 2010).

No fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, em meio ao processo de redemocratização do país e à ascensão de movimentos sociais amplos, surge a primeira onda feminista organizada moderna, protagonizada por grupos ligados ao movimento *Minjung* – um amplo movimento popular de oposição à ditadura. Nesse período, as mulheres passaram a denunciar a exploração no trabalho, exigir direitos civis e lutar contra a violência de gênero. O surgimento da KWAU (*Korean Women's Association United*), uma coalizão de grupos feministas progressistas, representou um marco na articulação política das mulheres, com forte atuação nas lutas por democracia, igualdade de gênero e justiça social e foi responsável por promover diversas emendas de lei em favor dos direitos das mulheres e da proteção contra atos de violência sexual (HUR, 2010). Neste período, a participação feminina no parlamento nacional limitava-se a 3% (KIM, 2005).

Com a chegada dos anos 2000 e a consolidação do regime democrático, ainda que tenha havido um salto na representação feminina no parlamento para 13% após a implementação das cotas de gênero na política (KIM, 2005) uma nova geração de feministas começou a questionar os limites da atuação institucional das organizações estabelecidas. Surgem então os Novos Grupos Feministas (NFGs), compostos por jovens ativistas críticas à hegemonia de movimentos tradicionais e à tendência à homogeneização da identidade "mulher". Essas novas feministas incorporam pautas como sexualidade, estética, cultura digital e interseccionalidade, promovendo uma política do cotidiano centrada na experiência pessoal e na crítica aos padrões de gênero e de beleza naturalizados (HUR, 2010).

Movimentos como o *#EscapeTheCorset* (originalmente *Tal-Corset*, em coreano), nascido de movimentações no Facebook em 2015 e que ganhou projeção na mídia internacional em 2018, posteriormente tornando-se inspiração para a criação de uma loja de vestuário inclusivo (SHIN, LEE 2022) representa a virada do feminismo coreano para os anos 2010. O *#EscapetheCorset* exemplifica essa nova onda do feminismo, marcada pela descentralização, pelo uso estratégico das redes sociais e pela recusa ativa a instituições como o casamento e a maternidade compulsória e de padrões de beleza impostos a mulheres. Essas formas de resistência cotidiana se conectam a um feminismo mais extremo, que critica tanto a estrutura patriarcal tradicional quanto as limitações das reformas institucionais anteriores.

Como argumenta Hur (2010), a principal transformação recente em relação às ondas anteriores de feminismo coreano é o abandono da identidade coletiva homogênea e a emergência de identidades múltiplas, fragmentadas e em diálogo, refletindo a complexidade das experiências femininas em uma sociedade ainda marcada por desigualdades profundas. É nesse ambiente que emerge o movimento **4B** (*Bihon, Biyeonae, Bisekseu, Bichulsan*), sigla que significa:

1. Sem sexo com homens (비섹스; bisekseu);
2. Sem parto (비출산; bichulsan),
3. Sem namoro com homens (비연애; biyeonae)
4. Sem casamento (비혼; bihon).

O movimento propõe, assim, romper com o que suas integrantes julgam como sendo os quatro principais mecanismos de controle sobre a mulher na sociedade sul-coreana: casamento, namoro, sexo heterossexual e maternidade. O 4B não apenas rejeita essas instituições, como também denuncia o sistema que as legitima — o patriarcado capitalista — e propõe uma vida autônoma e coletiva entre mulheres (SADOYAMA et al., 2025).

Desta forma, ele surge justamente como uma resposta às sucessivas falhas de planejamento e diálogo do governo: ele denuncia que as políticas natalistas ignoram a realidade diária da exploração feminina e, ainda que haja políticas públicas voltadas para mitigar a desigualdade entre homens e mulheres, como os cinco Planos Básicos para Baixa Fertilidade e Sociedade Envelhecida lançados pelo governo coreano ao longo das últimas décadas (KICCE, 2022), estes programas tentam amenizar uma crise demográfica sem garantir dignidade ou liberdade às mulheres, e sem se aprofundar nas raízes dos problemas que vem causando estas quedas nas taxas de natalidade nacionais (CORXET SOLÉ, 2023).

3 O Movimento 4B: Princípios, estratégias e identidades coletivas

3.1 Fundação e expansão do Movimento 4B

O movimento 4B se articula principalmente nas redes sociais e fóruns online a partir de 2019, onde participantes compartilham experiências, constroem laços de solidariedade e discutem estratégias de resistência. É possível observar uma forte presença de narrativas que se opõem à idealização do amor romântico, à maternidade compulsória e à expectativa de sacrificar-se em nome da família tradicional. Em vez disso, o 4B propõe o fortalecimento das redes entre mulheres, o autocuidado e a autonomia como formas de sobrevivência e subversão (HAN, 2024; YOON, 2022).

Embora inspirado por experiências internacionais, o 4B possui características locais e dialoga com os dilemas enfrentados pelas jovens coreanas que, apesar da educação e inserção profissional, continuam a ser sobrecarregadas por expectativas familiares e sociais. O movimento, muitas vezes confundido com misandria por parte da mídia e da opinião pública, é também expressão de um cansaço profundo diante da lentidão das reformas institucionais e da perpetuação de desigualdades estruturais (LEE, 2023; YI, 2020; CORXET SOLÉ, 2023).

A estética do movimento também carrega uma dimensão política importante. Muitas adeptas ao 4B rejeitam padrões de beleza impostos, como o uso de maquiagem, procedimentos estéticos (muito comuns na sociedade coreana, tanto para homens quanto para mulheres) e comportamentos ditos “femininos”, resgatando a influência do movimento *#EscapeTheCorset* (SHIN, LEE 2022). Essa recusa corporal se torna uma forma visível de resistência ao sistema que exige da mulher um corpo sempre produtivo, desejável e obediente (YOON, 2022; YI, 2020).

O movimento 4B, portanto, vai além de uma estratégia de não envolvimento com homens. Trata-se de uma recusa coletiva às instituições que historicamente subordinam as mulheres, como o casamento e a maternidade, e também à sexualidade normativamente heterossexual. Como argumenta Corxet Solé (2023), o 4B confronta diretamente as estruturas sociais que responsabilizam as mulheres pela crise demográfica do país, ao mesmo tempo em que são vítimas de um sistema que lhes oferece poucas alternativas reais de vida plena.

Assim, o 4B não pode ser entendido apenas como um protesto contra os homens, como muitas vezes é retratado pela mídia (YI, 2020), mas como uma crítica sistêmica que propõe novos modos de existir e se relacionar. Ao rejeitar os pilares tradicionais das relações de gênero, o movimento convida à criação de alternativas

coletivas e horizontais de vida, centradas na liberdade, no afeto entre mulheres e na recusa ativa da submissão (SADOYAMA et al., 2025).

A relação entre o movimento 4B e as políticas públicas torna-se, assim, um campo de conflito simbólico e prático. Ao passo que o Estado enxerga a baixa natalidade como uma questão técnica e econômica, o 4B revela que por trás dessa crise está o esgotamento emocional e físico de gerações inteiras de mulheres que se sentem excluídas. As respostas institucionais não são neutras, e o movimento desafia o poder público a reconsiderar o papel das mulheres não como reprodutoras, mas sim como cidadãs plenas (SADOYAMA et al. 2025).

Mais recentemente, o movimento tem passado por expansões internas e também para outros países. Em alguns veículos de mídia, o movimento já é conhecido como 6B, contando com a inclusão de dois novos princípios: *bisobi* (비소비): boicote a produtos sexistas (incluindo não gastar dinheiro com produtos que tenham o chamado “imposto rosa”) e *bidopbi* (비돕비): mulheres apoiam mulheres, que indica a solidariedade e a empatia com mulheres que aderem ao movimento 4B/6B (CHENG, 2023).

Além da chegada do movimento nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump e suas recentes medidas em direção ao cerceamento de direitos femininos, como a ameaça de revogação da legalidade do aborto, o movimento também tem ganhado espaço na China, para onde se propagou através de redes sociais como o *Sina Weibo* (CHENG, 2023) e Douban (REUTERS, 2021). Em território chinês, o movimento ganha ainda mais corpo e sua sigla se expande mais uma vez, dessa vez para “6B4T” (CHENG, 2023): Os “B’s já mencionados acima, somando-se os T’s, que derivam da palavra coreana “Tal” (탈) e significam:

1. rejeição de padrões rígidos de beleza (탈코르셋; talkoreuset);
2. representações hipersexuais de mulheres na cultura *otaku* japonesa (탈오타쿠; tarotaku);
3. religião (taljonggyo);
4. cultura de ídolos (탈아이돌; taraidol);

Na China, além da expansão da sigla para termos mais relacionados a padrões de beleza e cultura, o movimento também teve impactos negativos: sofreu represálias do governo, que excluiu canais com discussões feministas e baniu a sigla 6B4T da plataforma Douban, o que impulsionou ainda mais as mulheres a se engajarem nos debates propostos, e a criarem novos canais na rede social (REUTERS, 2021).

3.2 Reflexos na mídia e redes sociais

A drasticidade do movimento 4B despertou ampla atenção social e midiática na Coreia do Sul e do mundo. Embora o grupo seja composto principalmente por mulheres jovens, suas ideias têm reverberado em diferentes esferas da sociedade, desde fóruns feministas até reportagens sensacionalistas e discursos institucionais. Parte da imprensa sul-coreana retrata o movimento como misândrico ou extremo, muitas vezes culpabilizando suas ideias pelas contantes quedas na natalidade coreana e ignorando seu caráter político e estrutural, o que contribui para o estigma e a incompreensão social (YI, 2020).

Já a imprensa internacional, representada por veículos como a BBC: “O questionamento dos papéis e expectativas tradicionais de gênero começou recentemente a se espalhar para os Estados Unidos. [...] as discussões sobre o movimento 4B vêm despertando interesse no Ocidente, após a vitória de Donald Trump”. E Al Jazeera: *“A feminist movement sweeping South Korea, in which women are saying “No” to any form of intimate relationships with men, is taking hold in the United States following former President Donald Trump’s resounding victory”* dentre outros, repercutem como o movimento têm inspirado mulheres mundo afora (em especial nos Estados Unidos) além de ressaltarem como os persistentes problemas demográficos do país não tem sido cuidados com a devida atenção.

Nas redes sociais, o movimento enfrenta tanto apoio quanto hostilidade. Enquanto algumas mulheres encontram no 4B um espaço de acolhimento e libertação, outras o consideram excessivamente radical ou distante da realidade das classes populares do país. Há ainda uma forte reação de grupos masculinos antifeministas, que acusam o movimento de promover divisão social, chegando a

organizar campanhas online de ódio e boicote (HAN, 2024). Esses embates nas mídias digitais demonstram como o movimento toca em feridas sociais profundas e desestabiliza narrativas consolidadas sobre o papel das mulheres e seu lugar na sociedade (AL JAZEERA, 2024).

Porém, é importante ressaltar que a efervescência de movimentos feministas na Coreia do Sul não pode ser lida como um fato isolado. Nos anos 2010, diversos países passaram por processos semelhantes com forte propagação e reverberação nas redes sociais. O mais proeminente deles, o estadunidense *#MeToo*, que teve seu pontapé inicial em 2018 denunciando casos de assédio de grandes figuras da mídia americana, abriu as portas e encorajou diversas outras organizações feministas online como a sul-coreana *#EscapetheCorset* (SHIN, LEE 2022) e diversos outros, evidenciando as conexões entre os movimentos feministas globais e as denúncias de violências de gênero online.

Essa disputa discursiva revela a importância do 4B não apenas como fenômeno social, mas como agente político ativo e de propagação de ideias feministas na Ásia e no mundo (CHENG, 2023). Mesmo sem estrutura organizacional formal ou representantes eleitas, o movimento impacta debates nacionais, provoca o incômodo de estruturas consolidadas e amplia as fronteiras do feminismo contemporâneo sul-coreano e das frentes de ação das mulheres, impactando e mobilizando mulheres país afora, além de dialogar com movimentos semelhantes ao redor do mundo, muito graças à ação das redes sociais e de seu poder de propagação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender os contornos e significados do movimento 4B no contexto contemporâneo da Coreia do Sul, e o caminho percorrido pelo movimento feminista sul coreano até ele. Inserido em uma sociedade profundamente marcada por estruturas patriarcais, pressões neoliberais e valores confucionistas, o 4B representa uma resposta política contundente à reprodução sistêmica de desigualdades de gênero. Sua proposta de rejeição ao casamento, ao namoro, ao sexo heterossexual e à maternidade não deve ser lida como uma postura meramente individualista ou misândrica, mas sim como uma forma coletiva de resistência que visa romper com os pilares normativos da sociedade sul-coreana.

Ao resgatar episódios marcantes da história, como o sistema das “mulheres de conforto” durante a colonização japonesa, compreende-se que a luta feminista no país não é recente. O trauma coletivo dessas mulheres — exploradas sexualmente em massa e silenciadas por décadas — permanece como uma ferida aberta e também como símbolo de resistência para as gerações posteriores. Seus testemunhos e a luta por memória influenciaram diretamente o ativismo feminista sul-coreano, que se reinventa continuamente, de modo combativo e inovador, inclusive por meio de figuras simbólicas como a Estátua da Paz.

O movimento 4B, por sua vez, emerge como expressão de uma nova geração de mulheres que, cientes desse legado, optam por formas extremas de recusa às expectativas sociais tradicionalmente impostas. Essas jovens, majoritariamente urbanas e altamente escolarizadas, constroem redes de solidariedade e ação política por meio de plataformas digitais, adotando estratégias discursivas e estéticas próprias. A recusa aos padrões de beleza, herdada do movimento *#EscapeTheCorset*, e a reconfiguração das relações afetivas e sexuais mostram como o corpo, o tempo e os afetos são resgatados como territórios de autonomia e dignidade.

Sua atuação nas redes digitais permite uma articulação horizontal e descentralizada, pautada por narrativas de autocuidado, ruptura simbólica e denúncia dos papéis impostos às mulheres. Nesse sentido, o movimento propõe uma nova ética relacional, baseada na autonomia, na solidariedade entre mulheres e na recusa da violência estrutural que marca suas vidas.

Também foi possível observar como o movimento 4B se coloca como contraponto às políticas públicas centradas na lógica natalista na arena de disputa simbólica com o Estado. Em um país com uma das taxas de natalidade mais baixas do mundo, Programas como os Planos Básicos para Baixa Fertilidade e Sociedade Envelhecida, embora ambiciosos, revelam-se insuficientes por ignorarem as causas estruturais da recusa feminina à maternidade: sobrecarga doméstica, precarização do trabalho, disparidade salarial, uma cultura que desvaloriza a maternidade autônoma e a pressão social para que a mulher seja simultaneamente produtiva, dócil e reprodutora, além da própria falta de representação política e de reinserção no mercado de trabalho. Ao contrário de acolher essas demandas, o Estado muitas vezes responde com apatia ou até retrocessos, como demonstrado pela ameaça de extinção do Ministério da Igualdade de Gênero e Família durante o governo de Yoon Suk-Yeol. O 4B evidencia que as mulheres não estão simplesmente "recusando filhos"; estão recusando o custo pessoal e coletivo de viver em um sistema que lhes exige demais e oferece pouco em troca.

Além disso, o movimento demonstra como o feminismo contemporâneo sul-coreano está cada vez mais conectado a processos de transformação global, sem, no entanto, perder suas especificidades culturais. A leitura do 4B como fenômeno político e simbólico permite compreender que os feminismos não são homogêneos, mas respondem às realidades locais a partir de experiências concretas de opressão e resistência, além de representar diferentes tipos de mulheres e suas lutas e as tendências globais de assumirem papel central na demanda e conquista de seus direitos. O 4B, ao tornar visíveis as formas cotidianas de violência e ao propor alternativas de existência, amplia o repertório das lutas por igualdade de gênero na Ásia e no mundo. Foi possível observar a expansão do movimento para outros contextos asiáticos, como a China, onde se desenvolveu a versão 6B4T, e sua repercussão na imprensa internacional. A repressão sofrida por grupos feministas chineses, aliada à crescente adesão de mulheres às ideias do 4B, revela que o movimento toca em dilemas universais: a busca por autonomia, o direito de recusar a norma, e o desejo de construir formas alternativas de viver.

Em síntese, este trabalho buscou revelar que o movimento 4B representa mais do que um desafio às normas sociais ou uma radicalização das mulheres sul-coreanas. O movimento, na verdade, reúne mulheres que, sem espaço na política tradicional, se manifestam e propõe o fim da submissão naturalizada, o rompimento com as amarras que limitam os desejos e projetos de vida das mulheres e a construção de uma sociedade onde outras formas de viver — entre mulheres, com liberdade, e sem culpa — sejam não apenas possíveis, mas legítimas. Assim, o 4B se inscreve como um capítulo central nas lutas feministas do século XXI e como um convite para que se repense os fundamentos das relações humanas, sociais e políticas e o papel feminino, respeitando suas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL JAZEERA, "What is the 4B movement from South Korea That's Taking Off in the US"; **Jornal Al Jazeera**. 9 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/11/9/what-is-the-4b-feminist-movement-from-s-korea-thats-taking-off-in-the-us>
- AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. 2017. **Para Além do Silêncio: O Sistema de Conforto e o Papel dos Movimentos Feministas na Questão das Mulheres de Conforto na Coreia do Sul (1905 2015)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa.
- BURN-MURDOCH, John. A new global gender divide is emerging. **Financial Times**. 26 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/29fd9b5c-2f35-41bf-9d4c-994db4e12998>
- CHENG, Xiaoyi. 2023. 6B4T in China: a case of Inter-Asian feminist knowledge negotiation and contestation through translation. **Asia Pacific Translation and Intercultural Studies**, v. 10 n. 2. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23306343.2023.2241126#d1e138>
- CHO, Hae Yeon. **Feminist Politics in Neoliberal Times: Gender, Media and Protest in South Korea**. Stanford University Press, 2020.
- CORXET SOLÉ, Laia. 2023 South Korea's 4B Movement: How Patriarchy Undermines Demographic Security, Part I. **Mondo Internazionale**. Disponível em: <https://mondointernazionale.org/focus-allegati/challenges-and-implications-of-the-safe-third-country-model-a-critical-analysis-2>.
- CORXET SOLÉ, Laia. 2023. The 4B Movement: Radical Feminism, Social Resistance, and Global Impact Part II. **Mondo Internazionale**, Disponível em: [The 4B Movement: Radical Feminism, Social Resistance, and Global Impact \(Part II\) - Mondo Internazionale](https://mondointernazionale.org/focus-allegati/challenges-and-implications-of-the-safe-third-country-model-a-critical-analysis-2)
- HAN, Ju Hui Judy. 2024. Radical cyberfeminists as language planners: South Korea's Womad. **Current Issues in Language Planning**, v. 25, n. 1.
- HASUNUMA, L., e K.-Y. Shin. 2019. "#MeToo in Japan and South Korea: #WeToo, #WithYou." **Journal of Women, Politics & Policy** 40 (1) p. 97–111. <https://doi.org/10.1080/1554477X.2019.1563416>.
- HUR, S.-W. 2010. Mapping South Korean Women's Movements During and After Democratization: Shifting Identities. **East Asian Social Movements**, p.181–203. doi:https://doi.org/10.1007/978-0-387-09626-1_9.
- JOST, J. T., GLASER, J., KRUGLANSKI, A. W., e SULLOWAY, F. J. 2003. Political conservatism as motivated social cognition. **Psychological Bulletin**, vol. 129 n.3, p. 339–375. doi:10.1037/0033-2909.129.3.33
- KIM, Seung-kyung. KIM, Kyounghee. 2011. Gender mainstreaming and the institutionalization of the women's movement in South Korea, **Women's Studies International Forum**, V. 34, n. 5, p. 390-400.
- LEE, Ji-Hyun. 2023. Feminism in South Korea: Evolution and Backlash. **Asian Perspective**, v. 47, n. 1.

- LEE, Rachel. 2025. Sem sexo, casamento, namoro ou bebês: por dentro do movimento feminista 4B. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8d96qrd32no>. Acesso em 15 mar. 2025
- MIN, Pyong Gap. 2003. Korean “Comfort Women” The Intersection of Colonial Power, Gender, and Class.” **Gender & Society**, Vol. 17 n.6, 938- 957. DOI: 10.1177/0891243203257584
- OCDE. Gender Wage Gap. OECD Data, 2022. Disponível em: <https://data.oecd.org/earnwage/gender-wage-gap.htm>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- OECD. Gender Dashboards. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/data/dashboards/gender-dashboard/employment-entrepreneurship.html?oecdcontrol-74aaf2d9f6-var1=KOR>. Acesso em 22 mar. 2025
- OH, K. J. 2016. Women’s political participation in South Korea and activist organizations, **Asian Journal of Women's Studies**, vol. 22 n. 3,p. 338-345 DOI: 10.1080/12259276.2016.1205382
- REUTERS, 2021.Closure of online feminist groups in China sparks call for women to 'stick together'. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/closure-online-feminist-groups-china-sparks-call-women-stick-together-2021-04-14/>
- SADOYAMA, Livia Prado et al. 2025. O feminismo sul-coreano e o Movimento 4B: novas perspectivas para a igualdade de gênero. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, v. 56, n. 1, 2025. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/6112. Acesso em: 15 abr. 2025.
- SHIN, Yeongyo, LEE Selee. 2022. "Escape the Corset": How a Movement in South Korea Became a Fashion Statement through Social Media" **Sustainability** 14, no. 18: 11609. <https://doi.org/10.3390/su141811609>
- YI, Beh Lih. 2020. No sex, no babies: South Korea’s emerging feminists reject marriage. **Reuters**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-southkorea-women-rights-idUSKBN1ZJ0I8>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- YOON, Katie. 2022. Beneath the Surface: The Struggles of Dismantling Lookism in Looks-Obsessed South Korea. **Embodied: The Stanford Undergraduate Journal of Feminist, Gender, and Sexuality Studies**, v. 1, n. 1.
- G1. 2025. Taxa de Natalidade na coreia do sul aumenta pela primeira vez em uma década. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/26/taxa-de-natalidade-na-coreia-do-sul-aumenta-pela-primeira-vez-em-uma-decada.ghtml>
- BANCO MUNDIAL, 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.TFRT.IN?end=2023&locations=KR&name_desc=false&start=1960&view=chart
- HANKYOREAH. 2018. Disponível em: https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/847626.html
- Career or family? The dilemma facing women in South Korea. **Financial Times**. Disponível em: <https://www.ft.com/content/20b24ad6-b204-4170-bd4d-74fdd0413214>

KICCE. 2022. President Yoon's government policies for enhancing child-rearing. Vol. 23. Disponível em: <https://kicce.re.kr/board/boardFile/download/89/47137/34175.do>

PARK, I. H., CHO, L.-J. 1995. Confucianism and the Korean Family. **Journal of Comparative Family Studies**, 26(1), 117–134. doi:10.3138/jcfs.26.1.117